

*Herta Müller*¹

A COVA

Há roseiras em volta do monumento aos combatentes. Transformaram-se em matagal. Tão emaranhadas que asfixiam as ervas. Dão rosas brancas, pequenas e amarrotadas como papel. Rumorejam. Começa a amanhecer. Em breve será dia.

Todas as manhãs, no seu caminho solitário em direcção à azenha, Windisch regista o dia que começa. Em frente ao monumento aos combatentes, conta os anos. Mais adiante, junto ao primeiro choupo onde a bicicleta passa sempre pela mesma cova, conta os dias. E à noite, quando fecha a porta da azenha, Windisch conta de novo os anos e os dias. Lá de longe vê as pequenas rosas brancas, o monumento aos combatentes e o choupo. E, se há nevoeiro, ao passar de bicicleta o branco das rosas e o branco da pedra estão ali mesmo à sua frente. Windisch atravessa o nevoeiro. Windisch tem o rosto húmido e segue até chegar à azenha. Por duas vezes as roseiras mostraram os espinhos nus e as ervas rasteiras tiveram a cor da ferrugem. Por duas vezes o choupo esteve tão despido que as hastes ameaçavam quebrar-se. Por duas vezes a neve cobriu os caminhos.

Windisch conta dois anos junto do monumento aos combatentes e duzentos e vinte e um dias ao transpôr a cova ao pé do choupo.

Todos os dias, ao passar a cova, Windisch pensa: “O fim está próximo.” Desde que pensou em emigrar, Windisch vê o fim por toda a parte na aldeia. E o tempo que parou para todos os que querem ficar. E que o guarda-nocturno para ali vai ficar, para além do fim, segundo lhe parece.

E depois de ter contado duzentos e vinte e um dias e ter sido sacudido ao passar a cova, Windisch desmonta pela primeira vez. Encosta a bicicleta ao choupo. Os seus passos fazem barulho. No jardim da igreja esvoaçam pombos bravos. São cinzentos como a luz. Só o ruído os torna diferentes.

Windisch faz o sinal da cruz. o batente da porta está mlhado. Fica-lhe calado à mão. A porta da igreja está trancada. E Santo António está do outro lado da parede. Segura nas mãos um lírio branco e um livro castanho. Está encerrado.

Windisch sent frio. Olha ao longo da rua. Onde a rua acaba, irrompem as ervas na aldeia. Lá ao fundo segue um homem. O homem é um risco negro que segue por entre as plantas. As ervas pujantes fazem-no pairar sobre a Terra.

O SAPO

A azenha está muda. Mudam as paredes, mudo está o telhado. E as rodas estão mudas. Windisch carregou no interruptor e apagou a luz. Por entre as rodas é noite. A escuridão do ar engole o pó da farinha, as moscas, os sacos.

O guarda-nocturno está sentado no banco da azenha. Dorme. Tem a boca aberta. Por debaixo do banco reluzem os olhos do cão.

Windisch leva o saco entre as mãos e os joelhos. Encosta-o à parede da azenha. O cão olha-o e boceja. Nos seus dentes brancos pressente-se uma dentada.

A chave dá a volta no buraco da fechadura da porta da azenha. A fechadura estala-lhe entre os dedos. Windisch conta. Windisch ouve o sangue

¹ Müller, Herta. *O homem é um grande faisão sobre a terra*. Trad. Maria Antonieta C. Mendonça. Lisboa: Cotovia, 1993. “A cova”: p.11 a 12, e: “O sapo”: p.12 a 16.

pulsar-lhe nas fontes e pensa: “A minha cabeça é um relógio.” Mete a chave no bolso. O cão ladra. “Hei-de dar-lhe corda até partir a mola.”, diz Windisch em voz alta.

O guarda-nocturno puxa o chapéu para a testa. Abre os olhos e boceja. “Soldado em guarda”, diz ele.

Windisch aproxima-se do açude da azenha. Junto da margem ergue-se uma meda de palha. Reflecte-se na superfície do açude como uma mancha escura. A mancha mergulha nas águas como um funil. Windisch afasta a bicicleta da palha.

“Anda uma ratazana na palha”, diz o guarda-nocturno. Windisch tira as palhas do assento e atira-as à água. “Eu vi-a”, diz ele, “atirou-se à água.” As palhas flutuam como cabelos. Pequenos remoinhos fazem-nas girar. O funil negro flutua. Windisch observa a sua própria imagem ondulante.

O guarda-nocturno dá um pontapé na barriga do cão. O cão gane. Windisch segue o funil com o olhar e escuta o ganido debaixo de água. “As noites são longas”, diz o guarda-nocturno. Windisch recua um passo. Afasta-se da margem. Olha a imagem da meda que se ergue distanciando-se da margem. É clara. Não tem nada a ver com o funil. Mais clara do que a noite.

O jornal faz ruído. O guarda-nocturno diz: “Tenho o estômago vazio.” Desembrulha toucinho e pão. A faca cintila-lhe na mão. Mastiga. Coça o pulso com a lâmina da faca.

Windisch vai empurrando a bicicleta. Olha para a lua. O guarda-nocturno diz em voz baixa, mastigando: “O homem é um grande faisão sobre a terra.” Windisch levanta o saco e coloca-o na bicicleta. “O homem é forte”, diz ele, “mais forte que as bestas.”

O jornal tem uma ponta levantada. O vento parece uma mão a empurrar. O guarda-nocturno põe a faca sobre o banco. “Passei pelas brasas”, diz ele. Windisch curva-se sobre a bicicleta. Ergue a cabeça. “E eu acordei-te”. “Não foste tu”, diz o guarda-nocturno, “a minha mulher é que me acordou.” Sacode as migalhas de pão do casaco. “Já sabia que não conseguia dormir. A lua vai cheia. Sonhei com o sapo seco. Sentia um cansaço de morte. E não conseguia ir dormir. O sapo estava deitado na cama. Falei com a minha mulher. O sapo olhava com os olhos da minha mulher. Tinha a trança da minha mulher. Trazia a camisa de dormir dela vestida e enrodilhada até à barriga. Eu disse-lhe, tapa-te que tens as coxas murchas. Eu disse isso à minha mulher. O sapo tapou as coxas com a camisa de dormir. Eu sentei-me na cadeira junto da cama. O sapo sorriu com a boca da minha mulher. A cadeira chia, disse ele. A cadeira não estava a chiar. O sapo pôs a trança da minha mulher sobre o ombro. A trança era tão comprida como a camisa. Eu disse: o teu cabelo cresceu. O sapo ergueu a cabeça e gritou: Tu estás bêbado, não tarda que caias da cadeira abaixo.”

Uma nuvem mancha alua de vermelho. Windisch encosta-se à parede da azenha. “O ser humano é estúpido”, diz o guarda-nocturno, “e está sempre pronto a perdoar.” O cão come um pedaço do coirato. “A ela, perdoei tudo”, diz o guarda-nocturno. “Perdoei-lhe o padeiro. Perdoei-lhe o comportamento na cidade.” Passa as pontas dos dedos pela lâmina da faca: “A aldeia em peso fez pouco de mim.” Windisch suspira. “Eu nem conseguia olhá-la nos olhos”, diz o guarda-nocturno: “Só uma coisa não consegui perdoar-lhe: é que tivesse morrido tão depressa como se não tivesse ninguém. Isso é que não lhe perdoei.”

“Sabe Deus” diz Windisch, “para que ;e que elas existem, as mulheres.” O guarda-nocturno encolhe os ombros: “Para nós é que não” diz ele. “Nem para mim, nem para ti. Não sei para quem.” O guarda-nocturno faz uma festa ao cão. “E as filhas”, diz Windisch, “sabe Deus, também elas se tornam mulheres.”

Sobre a bicicleta há uma sombra e uma sombra sobre a relva. “A minha filha”, diz Windisch medindo mentalmente a frase, “a minha Amalie também já

não é virgem.” O guarda-nocturno olha para a nuvem vermelha. “As barrigas das pernas da minha filha parecem melões”, diz Windisch. “Como tu dizes, já não consigo olhá-la nos olhos. Tem uma sombra nos olhos.” O cão vira a cabeça. “Os olhos mentem”, diz o guarda-nocturno, “as barrigas das pernas, essas é que não mentem.” Afasta os pés. “Olha para os pés da tua filha quando anda”, diz ele. “Se afastar as pontas dos pés ao andar, então já não há nada a fazer.”

O guarda-nocturno faz girar o chapéu nas mãos. O cão está deitado de olhos abertos. Windisch não diz nada. “Está a cair o orvalho. A farinha vai ficar húmida”, diz o guarda-nocturno, “o presidente da Câmara vai ficar aborrecido.”

Um pássaro esvoaça sobre as águas do açude. Lentamente, a direito como se seguisse um fio. Quase a tocar a água. Como se fosse terra. Windisch fica a olhá-lo. “Parece um gato”, diz ele. “Uma coruja”, diz o guarda-nocturno. Põe a mão sobre a boca. “Em casa da Kroner, há três noites que não apagam a luz”. Windisch empurra a bicicleta. “Ela não pode morrer”, diz ele, “a coruja ainda não poisou em nenhum telhado.”

Windisch vai pisando a relva e olha a lua. “É o que te digo, Windisch”, grita-lhe o guarda-nocturno, “as mulheres enganam.”